






















PERSONALIDADES INDÍGENAS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER
























PERSONALIDADES INDÍGENAS QUE VOCÊ PRECISA CONHECER

RAONI METUKTIRE



Raoni Metuktire, líder indígena do povo Kayapó, nasceu por volta de 1932 na aldeia Krajmopyjakare, no nordeste do Mato Grosso, tendo seu primeiro contato com os brancos em 1954.

Participou de expedições e encontros com líderes mundiais, como Juscelino Kubitschek e Leopoldo II da Bélgica, sendo tema de um documentário aclamado, narrado por Marlon Brando.

Nos anos 1980, uniu forças com o cantor Sting em campanhas globais pela preservação ambiental. Sua atuação foi crucial na Assembleia Constituinte, resultando na demarcação de terras indígenas e na criação do Parque Nacional do Xingu.

Em 2020, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz e, em 2021, tornou-se Membro Honorário da União Internacional para a Conservação da Natureza. Em 2023, participou da cerimônia de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

DAVI KOPENAWA



Davi Kopenawa, líder político e xamã do povo Yanomami, desempenhou um papel fundamental na demarcação do território Yanomami em 1992, após o trágico Massacre de Haximu em 1993.

Sua atuação ativista em prol de seu povo e da preservação da Amazônia ganhou destaque, culminando na publicação do manifesto autobiográfico "A Queda do Céu" em 2010.

Por suas contribuições, recebeu diversos prêmios, incluindo a Global 500 da ONU em 1989, e em 2019, o prêmio Right Livelihood.

Em 2020, foi eleito membro colaborador da Academia Brasileira de Ciências. Apesar das ameaças de morte, Kopenawa continua sua luta, inclusive denunciando o governo brasileiro perante o Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Em 2022, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Roraima.

SÔNIA GUAJAJARA



Sônia Guajajara, líder indígena do povo Guajajara/Tentehar, nasceu em 6 de março de 1974 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Originária da Terra Indígena Arariboia, no Maranhão, destacou-se como uma das principais lideranças femininas indígenas.

Após estudar Letras, Enfermagem e Educação Especial na Universidade Estadual do Maranhão, sua militância em prol da demarcação de terras a levou a coordenar a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

Em 2018, foi lançada como vice-presidente na chapa liderada por Guilherme Boulos, tornando-se a primeira candidata indígena à presidência do Brasil.

Em 2022, foi listada pela revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo na categoria Pioneiros. No mesmo ano, participou da equipe de transição do terceiro governo Lula e, em 2023, tornou-se a **primeira ministra dos Povos Indígenas.**

JACIR DE SOUZA MACUXI



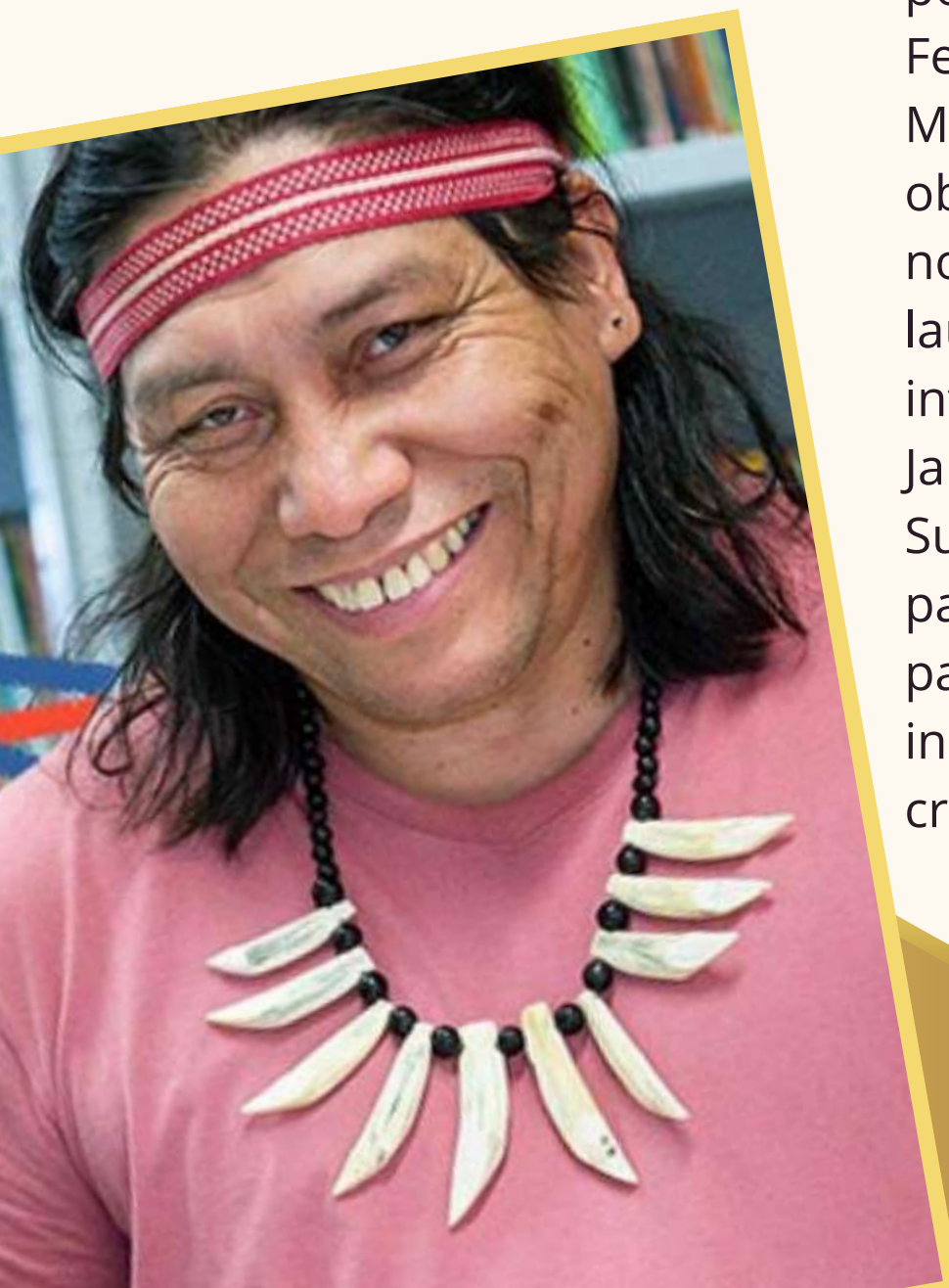
Jacir de Souza Macuxi, membro do povo Macuxi, nasceu em 7 de setembro de 1947 na comunidade indígena do Lilás, localizada na Reserva Raposa Serra do Sol.

Reconhecido como um dos principais defensores da Terra Indígena Raposa Serra do Sol em Roraima, cuja homologação ocorreu em 2005, Jacir assumiu o cargo de tuxaua de sua aldeia aos 26 anos.

Naquele período crítico, caracterizado pela invasão de garimpeiros que trouxe consigo problemas como alcoolismo, violência e doenças, Jacir mobilizou os tuxauas locais para combater essas adversidades, culminando na criação do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

Em 2020, enfrentou os desafios da pandemia de Covid-19, sendo um dos infectados, mas felizmente se recuperou após tratamento em Boa Vista.

DANIEL MUNDURUKU



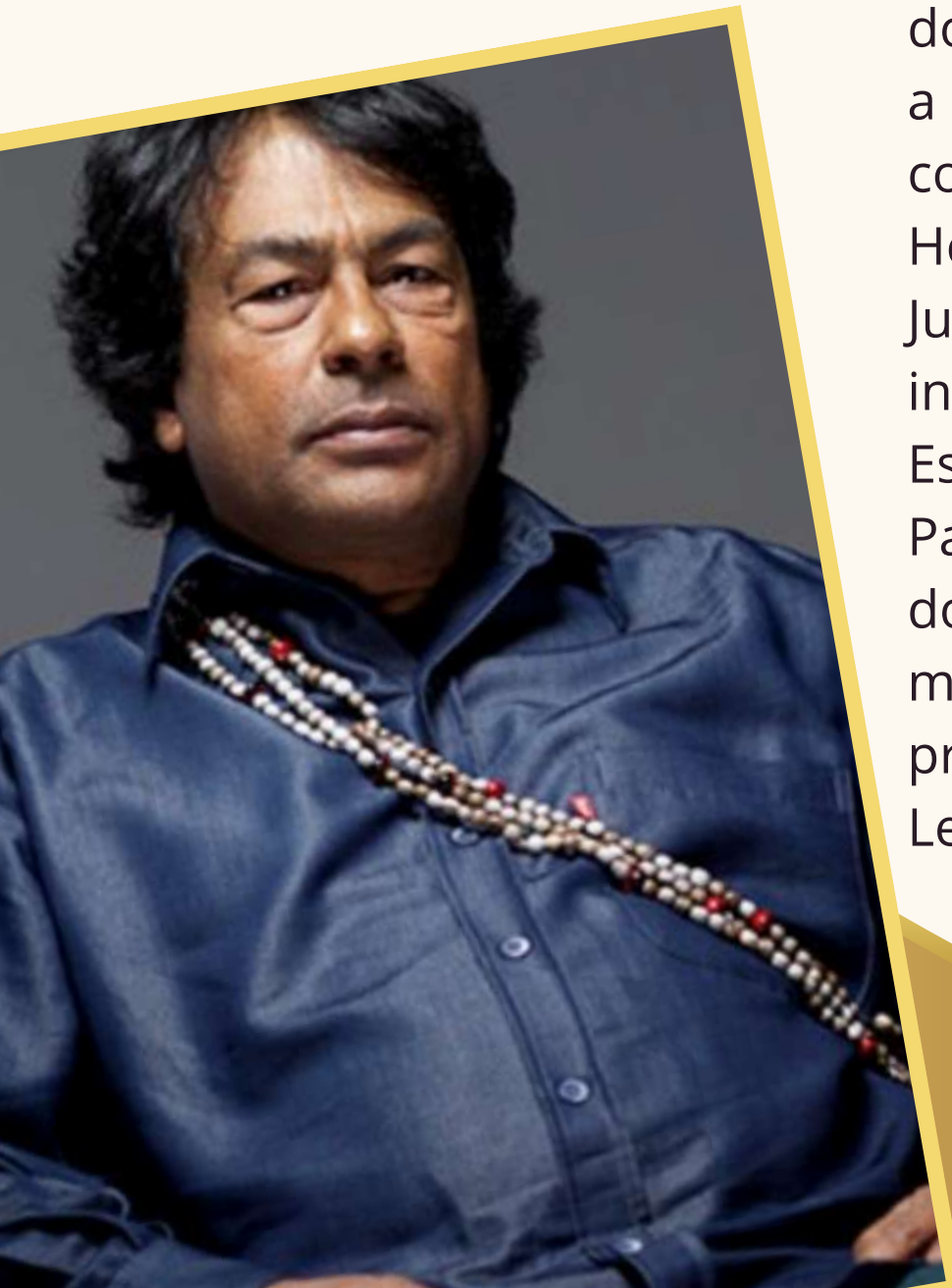
Daniel Munduruku, membro do povo Munduruku, nasceu em 28 de fevereiro de 1964 e atualmente atua como diretor-presidente do Instituto Uk'a - Casa dos Saberes Ancestrais.

Reconhecido como um dos principais autores indígenas contemporâneos, ele é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Munduruku possui um extenso catálogo de obras, totalizando mais de 54 livros publicados no Brasil e no exterior, pelos quais já foi laureado com diversos prêmios nacionais e internacionais, incluindo o prestigiado Prêmio Jabuti.

Sua produção literária é principalmente voltada para o público infantojuvenil e inclui livros paradidáticos que resgatam a tradição oral indígena, explorando fábulas, contos e mitos de criação.

AILTON KRENAK



Ailton Krenak, líder indígena do povo Krenak, nasceu em 29 de setembro de 1953 em Itabirinha, Minas Gerais, e dedicou-se desde os anos 1980 à defesa dos povos indígenas e do meio ambiente. Fundou o Núcleo de Cultura Indígena em 1985 e participou da Assembleia Nacional Constituinte de 1988, onde protestou pintando o rosto com jenipapo. Em 2000, protagonizou o documentário "Índios no Brasil", abordando a identidade indígena e os direitos conquistados. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2016 e em 2020 foi eleito intelectual do ano pela União Brasileira de Escritores, além de receber o prêmio Juca Pato. Lançou o livro "Ideias para adiar o fim do mundo" em 2021, tornando-se um dos mais vendidos no Brasil e sendo eleito o primeiro indígena da Academia Brasileira de Letras.

JOÊNIA WAPICHANA



Joênia Wapichana, membro do povo Wapichana, nasceu em 20 de abril de 1974 e é reconhecida como a primeira mulher indígena a se tornar advogada no Brasil.

Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Roraima em 1997 e obteve mestrado na Universidade do Arizona, nos Estados Unidos, destacando-se como a primeira mulher indígena advogada no país.

Sua atuação foi marcada pela defesa dos direitos territoriais dos povos indígenas, incluindo a demarcação da reserva indígena Raposa do Sol em Roraima. Também trabalhou no departamento jurídico do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e foi a primeira presidente da Comissão de Direitos dos Povos Indígenas da OAB.

Em 2018, foi eleita deputada federal por Roraima, pela Rede Sustentabilidade, tornando-se a primeira mulher indígena a ocupar um assento no Congresso Nacional.

Joênia tem sido uma voz combativa contra o avanço do garimpo ilegal na Amazônia, sendo reconhecida com o Prêmio de Direitos Humanos da ONU em 2018. Atualmente, exerce a presidência da Funai, tornando-se a primeira mulher indígena a liderar a entidade.

CÉLIA XAKRIABÁ



Célia Xakriabá, professora ativista indígena nascida em 9 de maio de 1990 em Itacarambi, Minas Gerais, é uma voz em defesa dos direitos e da cultura do povo Xakriabá.

Com mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, ela advoga pela integração das culturas indígenas no sistema educacional, pela preservação das línguas ameaçadas e pela demarcação das terras indígenas.

Em 2021, representou seu povo na 26ª Conferência da ONU sobre Mudança Climática, a COP26, onde destacou a luta contra o racismo sistêmico enfrentado pelos indígenas e a importância da preservação dos territórios.

Célia possui um estúdio em sua aldeia, no Território Xakriabá em São João das Missões, Minas Gerais, e co-apresenta o podcast "Papo de Parente" com o influenciador digital Tukumã Pataxó.

MYRIAN KREXU



Myrian Krexu, membro do povo Guarani Mbyá, é reconhecida como a primeira cirurgiã cardiovascular indígena do Brasil.

Nascida em Xanxerê, Santa Catarina, Myrian cresceu na comunidade Terra Indígena Rio das Cobras, pertencente à sua etnia.

Após concluir seus estudos na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), onde se formou em medicina em 2013, ela realizou sua especialização no Instituto de Neurologia e Cardiologia em Curitiba, tornando-se pioneira na área de cirurgia cardiovascular entre os indígenas do país.

CRISTINE TAKUÁ



Cristine Takuá, membro do povo Maxakali, é uma educadora, filósofa e artesã indígena atuante em São Paulo. Graduada em Filosofia pela UNESP, ela reside na Terra Indígena Ribeirão Silveira, no litoral paulista, onde leciona disciplinas como Filosofia, Sociologia, História e Geografia na EE Indígena Txeru Ba'e Kua-I, DER Santos.

Além disso, faz parte da Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), organização que reúne coletivos do povo guarani do sul e sudeste do Brasil em defesa de seus territórios.

Cristine também é fundadora do Fórum de Articulação dos Professores Indígenas de São Paulo (Fapisp) e representa o Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

DAIARA TUKANO



Daiara Tukano, descendente do povo Tukano do Alto Rio Negro, Amazonas, nasceu em 1982.

Embora viva em Brasília, parte de sua família reside na Aldeia Balaio, próxima a São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

Além de ser correspondente da Rádio Yandê, a primeira rádio indígena do Brasil, ela é mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília, com foco na memória e verdade dos povos indígenas.

Daiara também é reconhecida como ativista e artista. Em 2020, alcançou o feito de criar o maior mural de arte urbana do mundo, ocupando mais de 1.000 m² no Edifício Levy, no Centro de Belo Horizonte, Minas Gerais, sendo a primeira a pintar uma empena. A obra retrata uma mãe carregando seu filho.

ARISSANA PATAXÓ



Arissana Pataxó, nascida em 1983 em Porto Seguro, é uma renomada artista plástica da etnia pataxó.

Graduada em Artes Plásticas pela UFBA em 2009, Arissana tem dedicado sua carreira à arte-educação, realizando atividades de extensão com o povo Pataxó.

Com mestrado em Estudos Étnicos e Africanos e atualmente doutoranda em Artes Visuais na mesma universidade, ela também lecionou em escolas indígenas e no curso de formação de professores em Coroa Vermelha, Bahia.

Além de sua atuação como educadora, Arissana é reconhecida por sua expressão artística, participando de diversas exposições coletivas e individuais, como "Sob o Olhar Pataxó" em 2007 e "Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas" entre 2013 e 2014.

Em 2016, recebeu uma indicação ao Prêmio PIPA, uma das principais premiações de arte contemporânea do Brasil.

HAMANGAÍ PATAXÓ



Hamangaí Pataxó Hã-Hã-Hãe, nascida em 1998, carrega consigo a herança de duas etnias: Terena e Pataxó Hã-Hã-Hãe.

Ela cresceu na Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu, localizada em Pau Brasil, Bahia. Sua ascendência é uma combinação do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe pelo lado paterno e do povo Terena pelo lado materno.

Atualmente, está cursando Medicina Veterinária na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Hamangaí também é conhecida por seu engajamento em questões ambientais e sociais.

Em 2018, representou o Engajamundo na 24ª Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas (COP24), realizada na Polônia.

No ano seguinte, esteve presente no Villagio Ler La Terra em Roma, onde compartilhou sua mensagem sobre a importância da união em defesa da mãe Terra com jovens italianos.

No final de 2019, participou de uma cerimônia na Suíça, reunindo jovens mulheres ativistas de todo o mundo.

SONIA ARÁ MIRIM



Sonia Ará Mirim, líder Guarani Mbya na Terra Indígena Jaraguá, São Paulo, luta pela defesa das terras indígenas.

Originária do povo Xukuru-Kariri do Nordeste, foi acolhida pelos Guarani de São Paulo.

Além de resistir contra empreendimentos, como os prédios da Tenda, Sonia é ambientalista e defensora dos direitos indígenas.

Ela formou brigadistas florestais para combater as queimadas na área, uma reserva de Mata Atlântica.

Em janeiro de 2020, liderou movimento contra a Tenda, que derrubou árvores. Os Guarani pedem estudos conforme a Convenção 169 da OIT. A área é parte da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde de São Paulo, exigindo soluções para conservação e uso sustentável.

Em junho de 2021, Sonia protestou contra o PL 490/2007, ameaçando terras indígenas e povos isolados.

RENATA TUPINAMBÁ



Renata Tupinambá é uma figura multifacetada, atuando como jornalista, produtora, poeta, curadora, consultora, roteirista e artista visual. Há mais de 15 anos, ela tem se dedicado à difusão das culturas indígenas através de projetos de etnocomunicação.

Renata é membro do projeto Levanta Zabelê, localizado na comunidade de Una, na Bahia. Como co-fundadora da Rádio Yandê, pioneira como web rádio indígena no Brasil, ela desempenhou um papel crucial na promoção da voz e da expressão indígena.

Além disso, Renata é fundadora da produtora indígena Originárias Produções e criadora do Podcast Originárias, que apresenta entrevistas com artistas e músicos indígenas, sendo parte integrante da central de Podcasts femininos PodSim.

Ela também colabora com a transmídia Visibilidade Indígena, demonstrando seu compromisso contínuo com a representação e visibilidade das comunidades indígenas.

MAJUR TRAYTOWU



Majur Traytowu, da etnia Bororo, é a primeira cacica trans do Brasil, liderando a aldeia Apido Paru. Identificando-se como mulher desde a infância, desempenhou papéis femininos na comunidade, como as cerimônias de luto.

Além de lutar por melhorias na aldeia, com educação média, é fluente em português e na língua nativa, e possui habilidades em matemática.

Anteriormente, trabalhava como agente de saúde indígena, mas agora concentra-se exclusivamente na liderança.

KATÚ MIRIM



Katú Mirim, rapper, compositora, atriz e ativista, aborda em seu trabalho a história da colonização, dando destaque à perspectiva indígena.

Através do rap, ela compartilha experiências, fortalece identidades e desafia estereótipos de gênero e sexualidade.

Mulher lésbica, Katú entrou no mundo do rap em 2017, com o single Aguyjevete, que trata da resistência dos povos nativos, tema recorrente em sua obra. No mesmo ano, ela ganhou destaque com a hashtag "Índio Não é Fantasia", provocando discussões sobre a apropriação folclórica e descontextualizada dos costumes indígenas.

Também em 2017, fundou o “VI Visibilidade Indígena”, dedicado à luta pelos direitos e à representatividade dos povos indígenas.

SANDRA BENITES



Nascida em 1975 na Terra Indígena Porto Lindo, Sandra Benites é uma pesquisadora, antropóloga e ativista Guarani. Além disso, é reconhecida como curadora de arte e educadora, destacando-se por seu engajamento na demarcação territorial e na promoção de uma educação de qualidade para os povos Guarani.

Sua trajetória é marcada pela defesa da emancipação das mulheres de sua comunidade, conhecidas como 'kunhangue arandu', e pela resistência à colonização e à hegemonia do conhecimento acadêmico.

Benites já realizou curadorias em museus, como na exposição Dja Guata Porã: Rio de Janeiro Indígena (2017), e prestou assessoria em projetos educacionais.

JULIANA ALVES



Juliana Alves, atualmente à frente da Secretaria dos Povos Indígenas do Ceará, é Cacika Irê do povo Jenipapo-Kanindé.

Filha da primeira mulher cacica registrada no Brasil, Cacika Pequena, Juliana é professora indígena, com licenciatura em Educação Indígena, e possui mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Além disso, é uma das fundadoras da Articulação Nacional de Mulheres Indígenas Guerreira da Ancestralidade e vice-coordenadora da Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará (Amice).

TXAI SURUÍ



Txai Suruí, a primeira do povo Suruí a estudar Direito na Universidade Federal de Rondônia (Unir), teve um discurso marcante na abertura da COP26 em Glasgow, Escócia, em 2021. Mais tarde, representou várias organizações na Estocolmo+50, evento que discutiu o futuro do planeta.

Ela trabalha com sua mãe, Neidinha, na ONG Kanindé, fundada em 1992 para defender direitos humanos e ambientais, promovendo a identidade e cultura indígena.

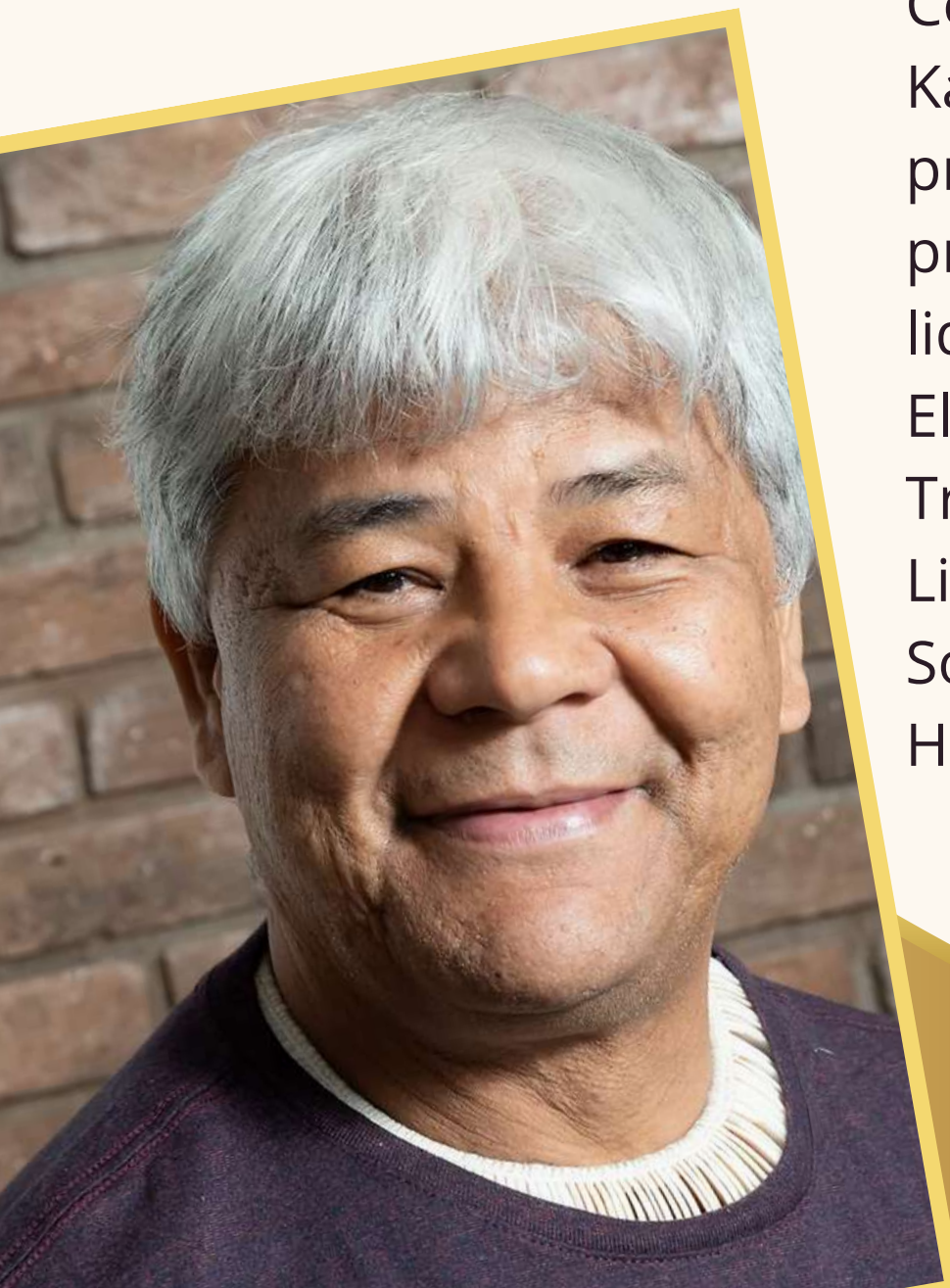
DENILSON BANIWA



Denilson Baniwa, membro do povo Baniwa, é um artista visual e um dos responsáveis pela coordenação da Rádio Yandê, que tem como objetivo difundir a cultura indígena para além das aldeias.

Reconhecido por sua arte, ele recebeu prêmios como o Pipa Online e realizou uma exposição individual no Centro Cultural Hélio Oiticica.

KAKÁ WERÁ



Kaká Werá, de origem Tapuya e nascido em uma aldeia guarani, é fundador do Instituto Arapoty, focado na difusão dos conhecimentos indígenas.

Ele também integra a rede de Empreendedores Sociais da Ashoka.

Com mais de 25 anos de experiência, Kaká atua como autor, ativista, professor, palestrante e terapeuta, promovendo o autoconhecimento e liderança pessoal.

Ele se baseia na sabedoria ancestral da Tradição Tupi e possui formação em Liderança Pública, Empreendedorismo Social, Master Coaching e Formação Holística de Base.